

## A ESCRITA DA HISTÓRIA E A VIRADA GLOBAL: PERSPECTIVAS DE UM HISTORIADOR DE ÁFRICA

Historical writing and the global turn: perspectives from a historian of Africa

### ENTREVISTADO

**Andreas Eckert<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-2566-1302>

E-mail: andreas.eckert@asa.hu-berlin.de

<sup>a</sup> Universidade Humboldt de Berlim, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Berlim, Alemanha

### ENTREVISTADORES

**Ana Carolina Schweitzer<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>

E-mail: ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de

**William Blakemore Lyon<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-7558-1095>

E-mail: lyonwill@student.hu-berlin.de

<sup>a</sup> Universidade Humboldt de Berlim, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Departamento de Estudos Africanos, Berlim, Alemanha

**PALAVRAS-CHAVE:** História Global. História da África. História do Trabalho.

**KEYWORDS:** Global History. African History. Labor History.

Como a História Global pode estabelecer um diálogo com a História Africana? Qual é o valor dos conceitos de conexões e entrelaçamentos propostos pela História Global? Como podemos usar a História Global em nossas pesquisas? Além de explorar o que é a História Global, nos motivamos por entrevistar um pesquisador com ampla experiência sobre o assunto. Nesta conversa, o Professor Andreas Eckert detalha sua trajetória como Professor de História Africana e coordenador do Centro de Pesquisa de História Global (re:work), bem como como conceitua a História Global em seu campo de pesquisa.

O Professor Andreas Eckert é titular da Cátedra de História Africana do Instituto de Estudos Asiáticos e Africanos da Universidade Humboldt de Berlim. Ele entrou para o corpo docente em 2007 após lecionar por cinco anos na Universidade de Hamburgo. Eckert realizou pesquisas como professor convidado em várias universidades internacionais como a Maison des Sciences de l'Homme em Paris, Universidade de Harvard, Universidade de Stanford e a Universidade de Michigan. Desde 2009, ele é o diretor do Centro Internacional de Pesquisa "Trabalho e Ciclo de Vida Humana na História Global" — re:work — na Universidade Humboldt de Berlim.

Seus primeiros livros foram: *Die Duala und die Kolonialmächte: Eine Untersuchung zu Widerstand, Protest und Protonationalismus in Kamerun vor dem zweiten Weltkrieg* (1991) e *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: Duala 1880-1960* (1999). São contribuições importantes para o papel do colonialismo na história do Camarões, assim como trabalhos que nos ajudam a entender como o sistema colonial (alemão e após a Primeira Guerra Mundial, francês e britânico) tentou administrar o trabalho e controlar a terra.

Nas últimas décadas, a pesquisa de Andreas Eckert examinou as relações entre a História da África, a História do Trabalho e a História Global. Ele foi editor/colaborador em muitos volumes de autoria coletiva, entre eles: *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze* (2007), *Global Histories of Work* (2016), *General Labour History of Africa: Workers, Employers and Governments, 20th–21st Centuries* (2019), e *Corona and Work around the Globe* (2021). Com Marcel van der Linden, ele publicou *New Perspectives on Workers and the History of Work: Global Labor History*, no livro *Global History, Globally: Research and Practice around the World* (2018), editado por Sven Beckert e Dominic Sachsenmaier. Ele também contribui regularmente em jornais alemães, como o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e o *Die Zeit*. Recentemente, ele publicou *Geschichte der Sklaverei. Von der Antike bis ins 21. Jahrhundert* (2021).

Além de suas publicações, Eckert construiu o re:work como um espaço importante para o desenvolvimento e promoção de pesquisas de ponta no campo da História Global do Trabalho. O re:work foi fundado em 2009 com a intenção de se concentrar em temas engajados, que incluem: como o trabalho é conceitualizado e como as definições mudam com o tempo; como globalizar os estudos do trabalho especialmente integrando idéias e estudiosos do Sul Global; reexaminar o conceito de 'classe trabalhadora'; explorar noções do que é trabalho e do que não é, e a combinação destas duas (supostas) esferas separadas; e examinar a relação entre trabalho 'livre' e trabalho 'não livre' (ECKERT; KOCKA, 2021). Mas talvez a maior força do re:work tenha sido convidar e financiar estudiosos de todo o mundo para desenvolver, compartilhar e criticar o trabalho um do outro como bolsistas sediados em Berlim. O tempo dedicado por esses acadêmicos — desde acadêmicos em início de carreira até professores de renome — no re:work tem sido um elemento chave para o surgimento de muitos livros, artigos, colaborações, conferências e workshops.



A entrevista a seguir foi uma conversa presencial com o Prof. Eckert abordando questões previamente compartilhadas. Gravamos em outubro de 2020, algumas semanas antes do segundo confinamento devido à COVID-19 na Alemanha. Dito isto, seguimos protocolos adequados para garantir a segurança de todos os participantes. A entrevista aconteceu no re:work em Berlim e durou aproximadamente duas horas. Em seguida, transcrevemos o áudio, fizemos edições gramaticais e compartilhamos a transcrição com o Professor Andreas Eckert para pequenas mudanças e acréscimos. Fizemos então os ajustes finais antes de submetermos à Esboços.

Ao longo da entrevista, procuramos discutir questões que são relevantes para jovens pesquisadores que buscam utilizar a História Global em suas pesquisas. Acreditamos ser particularmente importante focar nos métodos e ferramentas do campo que podem ser implementados para aqueles em fases iniciais de sua carreira. Procuramos também incluir uma breve visão geral do campo da História Global do Trabalho e suas mudanças durante a última década. De forma alguma esta entrevista é uma explanação completa de todos os temas que abordamos, mas esperamos sinceramente que ela possa despertar seu interesse em explorar mais a fundo alguns tópicos abordados e trabalhos mencionados.

**Para iniciar a nossa conversa, poderia nos falar sobre o início da sua formação e sua decisão de estudar e se especializar em história da África?**

Esta é uma história bastante específica. Quando comecei a estudar história, francês e jornalismo, a África não me interessava muito. O único lugar na África que me interessava era a África do Sul, porque quando cresci e fui para a escola, no final dos anos 70, início dos anos 80, o Movimento Anti-Apartheid era bastante forte, também na Alemanha e na minha cidade natal, Bremen. Tive um professor na escola que estava muito interessado nisso, e também tinha parentes na África do Sul. Isto moldou um pouco o meu interesse pela África do Sul. De qualquer modo, vim como estudante de graduação para a Universidade de Hamburgo e a minha ideia principal era focar na história francesa. Porém, no final do meu primeiro ano, frequentei uma disciplina sobre a história da África do Sul e o professor falou-nos de uma nova bolsa, financiada pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) para estudar durante um ano no Camarões. Um dos pré-requisitos era que se fizesse um exame em francês e inglês, porque o Camarões, devido à sua específica história colonial, é bilíngue. O meu bilinguismo era, penso eu, a minha única vantagem, mas, ainda assim, uma vantagem. Também me candidatei por curiosidade, e por algum tipo de vontade de ter uma aventura. Então obtive a bolsa. Para ser honesto, antes disso eu não sabia muito bem onde era o Camarões, mas aprendi rapidamente. Alguns meses mais tarde, eu estava no avião para Yaoundé, capital do Camarões. Estudei lá durante um ano e fui um dos poucos estudantes não negros no campus, o que foi por si só uma experiência. Também precisei fazer algum trabalho jornalístico como parte do meu curso de jornalismo. Acabei por trabalhar algumas semanas para a rádio Camarões, o que foi realmente interessante. Depois desse ano, decidi que África deveria ser o meu foco.

Em Hamburgo, onde estudei a maior parte do tempo, a grande vantagem era que África, ou História da África, fazia parte do currículo do curso de História. Assim, a cadeira de História da África foi integrada ao Departamento de História, o que foi vantajoso para mim porque eu nunca estudei *Afrikanistik*, ou Estudos Africanos,



mas me concentrei na História.<sup>1</sup> Outra vantagem foi que um dos professores que lecionava literatura francesa, que era meu outro curso, estava muito interessado na literatura africana. Assim, tivemos aulas sobre Camarões e Mongo Beti, e eu escrevi um trabalho sobre Ousmane Sembène. Foi desse modo que eu ingressei na história da África. Terminei meu mestrado, no entanto, não ficou claro se eu deveria depois me tornar um jornalista ou fazer um doutorado. Trabalhei brevemente na TV alemã, mas acabei por decidir fazer o meu doutorado. Com uma bolsa do German Research Council (DFG), eu retornei ao Camarões por mais 14 meses para pesquisar e também passei algum tempo na França. Após minha defesa, tive a oportunidade de conseguir uma posição de professor assistente em Berlim, e então a história se desenrola. Essa é, mais ou menos, a minha trajetória.

### **Quando e por que a História Global se tornou um ponto de interesse em sua pesquisa?**

Acho que foi quando a História Global surgiu, lentamente, no início dos anos 2000. Fiquei interessado porque estava trabalhando em alguns temas focados na África que estavam estreitamente conectados com outros lugares. Naquela época, não usávamos o termo global, mas sim Transnacional ou História Mundial. Durante este tempo, escrevi um artigo sobre a África e a História Mundial, tentando fazer um balanço do que foi escrito sobre a África e o mundo e como poderia ser conceitualizado (ECKERT, 2003). Uma das referências interessantes para mim foi o senegalês Cheikh Anta Diop, que normalmente é chamado de afrocentrista. Uma de suas principais ideias era a de reconfigurar o lugar da África no mundo. Como repensar o lugar da África na História Mundial foi algo pelo qual me tornei interessado. Então percebi que, como historiador da África, porque grande parte da pesquisa está focada no período do colonialismo, você é, por norma, forçado a fazer ligações, muito mais do que provavelmente faria se trabalhasse em certas partes da História alemã ou finlandesa. Quanto mais eu lia, e quanto mais eu pesquisava, surgiam algumas questões: Comecei a pensar mais seriamente sobre os conceitos que usamos. De onde eles vêm? Como eles se ajustam ao analisar o contexto africano? Então comecei lentamente a pensar em Trabalhador e Trabalho.<sup>2</sup> Isto foi usado na África de uma maneira limitada, focando apenas o trabalho assalariado, o que levou imediatamente a uma visão bastante restrita sobre o que é trabalho na África. Em essência, era um interesse lento, mas em constante crescimento.

Percebi, no início dos anos 2000, enquanto a História Global engatinhava, com livros como a excelente síntese de Christopher Bayly, publicado pela primeira vez em 2004, que a África não desempenhava um papel muito importante nessa nova

---

<sup>1</sup> Nota dos tradutores: Na Alemanha, a disciplina de História da África é oferecida, na maioria dos casos, pelos departamentos de áreas específicas, como Estudos Africanos. A Universidade de Hamburgo possui a disciplina de História da África como parte do programa do curso de História, mas isso não é padrão. Na Universidade Humboldt de Berlim, por exemplo, por existir um Departamento de Estudos Africanos, as disciplinas e pesquisa referentes à literatura, linguística e história africana são ofertadas e coordenadas pelos integrantes deste departamento. Para mais informações sobre o Departamento de Estudos Africanos da Universidade Humboldt de Berlim: [https://www.iaaw.hu-berlin.de/en/index\\_en?-set\\_language=en](https://www.iaaw.hu-berlin.de/en/index_en?-set_language=en). Acesso em: 30 maio 2021.

<sup>2</sup> No original: *Labour and Work*. Aplica-se ainda "mão de obra e trabalho".

abordagem (BAYLY, 2004). Também percebi que, quando as pessoas falavam sobre outras regiões do mundo por meio da História Global, era principalmente sobre a Ásia, que estava na moda. Muitas vezes pensei que seria bom trazer a África para a História Global e realmente pensar sobre o porquê da África ser marginalizada. Por que África não é tão importante para a História Global? É por causa da maneira como as perguntas centrais são formuladas?

Em 2007, eu me mudei de uma cátedra em Hamburgo para Berlim e havia surgido um grupo de jovens pesquisadores que tinham a História Global como foco. Sebastian Conrad, eu e outros, estávamos muito interessados neste tópico. Em Berlim, existia tanto um contexto institucional quanto intelectual para este novo empreendimento. Isso foi muito motivador para mim. Desde cedo, os interessados em História Global eram, em sua maioria, também especialistas em áreas específicas. Sempre insistimos que a História Global deveria ser combinada com uma área de especialização. Em 2007, iniciamos a série de livros alemã intitulada História Global com a Campus Verlag, que agora já tem mais de 30 volumes.<sup>3</sup> Isto nos ajudou a ver o que está acontecendo na área. Em resumo, esta é a longa história do meu engajamento na História Global. No entanto, sempre insisti que a história africana é importante e deveria estar no centro do meu trabalho acadêmico.

**Como Sebastian Conrad apontou em “O que é História Global”, há três abordagens da História Global: a história de tudo, a história das conexões e a história baseada no conceito de integração. Como você define História Global em seu trabalho?**

Para mim, como para muitos outros, História Global não é realmente um método, mas uma perspectiva, uma perspectiva muito útil para uma série de questões que me ajudaram a ver as coisas de maneira diferente. Muitos historiadores de África costumavam ter ou continuam tendo uma visão bastante insular da história africana. Nós frequentemente acusamos, por boas razões, a história da Alemanha de ser de pensamento muito estreito. Mas você também tem histórias estreitas da Ásia, da África e das Américas que não vêem conexões mais amplas com seus temas. Eu acho que a História Global tem sido bastante estimulante para a escrita da História da África, mas com algumas reservas. Considerar a África em relação à história global sugere linhas valiosas de conexão com outros campos da história e novas perspectivas sobre uma série de tópicos, mas também um modismo. A História Global permite que os historiadores se movam através e além dos campos geográficos sobre os quais a profissão foi organizada, nos convidando a dar tanta atenção às particularidades de outros lugares, assim como nós (no meu caso: Africanistas) gostaríamos que nossos colegas dessem às especificidades da história africana.

**Ao combinar História Global e História da África, o Prof. Omar Gueye argumentou que “o sucesso da história global é um desenvolvimento positivo para a história**

---

<sup>3</sup> *Globalgeschichte*, Campus Verlag. Os volumes estão disponíveis em: [https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1](https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx_campus_list%5B%40widget_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx_campus_list%5B%40widget_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1). Acesso em: 12 abr. 2021.

**africana” (GUEYE, 2008, p. 85). Isto é especialmente pertinente na mobilização dos historiadores para traçar conexões entre a África e o resto do mundo. Isto significa ir além da penetração do Islã no continente, do tráfico de escravizados para o Atlântico e da colonização. Ele também enfatizou que a História Global contribuiu para a criação de uma “verdadeira interconexão epistemológica”, quando os pesquisadores começaram a mencionar a África na história que eles escrevem. Como você vê o uso da História Global no estudo da História Africana?**

Acho que é importante, mas novamente, eu pressuponho que a maioria dos protagonistas da História Global agora enfatizam que a História Global não é o “*non plus ultra*”. Não é a única maneira de fazer as coisas. É uma certa perspectiva que pode ajudar para alguns problemas, mas pode não ser tão útil para outros. Eu não a veria como uma espécie de dogma ou algo que você deve empregar, mas algo que pode abrir novos e interessantes caminhos. No início, por exemplo, todos estavam muito entusiasmados com os entrelaçamentos. E me parecia que a ideia era que haviam entrelaçamentos em todos os lugares, mas eles tinham sido negligenciados. E nossa tarefa era descobri-los.

Agora estamos no ponto em que dizemos que sim, existem entrelaçamentos, porém eles não estão em toda parte e sua qualidade ou substância pode diferir e mudar muito com o tempo. A ideia de que tudo está sempre entrelaçado simplesmente não é verdadeira. Para mim, a História Global é uma forma importante de trazer a África de volta ao debate de questões mais amplas. E eu acho que esta é uma maneira pela qual a História Global tem ajudado, de certa forma, a trazer a História Africana de volta à tona. Muitos de meus colegas na África fazem a crítica de que se a África é integrada na História Global é somente através do tráfico de escravos, que é uma das partes mais obscuras e desagradáveis da História Africana. Mas creio que existem várias outras maneiras pelas quais esta conexão poderia ser feita, por exemplo, através do consumo, ou do meio ambiente. Não somente os escravos eram comercializados, mas também muitos outros itens.

Além disso, acredito que tipos específicos de histórias intelectuais podem ser valiosas. Poderíamos perguntar como certos conceitos ou ideias gerais mais globais também foram moldados em conexão com a África, como, por exemplo, se os africanos contribuíram para ideias mais amplas sobre o que é liberdade e o que é falta de liberdade. Penso que há várias maneiras pelas quais a inclusão da África pode nos ajudar a discutir questões mais amplas. Neste momento, um dos pontos cruciais é que devemos ser muito cautelosos ao fazer afirmações universais. Isto significa que a África não é relevante para todos os tópicos, porém para muito mais do que pensávamos. Para mim, este é um dos pontos onde a História Global é muito útil para repensar a história africana.

Por outro lado, se as pessoas escrevem sobre certos aspectos da história africana, não há obrigação de torná-la global. É claro que casos muito regionais podem ter implicações e conexões mais amplas, mas isto não pode ser presumido automaticamente. Este ponto é importante porque alguns historiadores da África mais jovens podem sentir a obrigação de obter alguma credibilidade em relação à História Global, mas isto não é necessário. É algo que você pode usar, e para muitas questões, como a questão do trabalho, da mão de obra, isso pode abrir novas perspectivas interessantes. Mas não é uma obrigação. É uma perspectiva, entre outras, às vezes

mais empolgante, mas não é um *Deus ex machina* para qualquer problema histórico que você possa ter.

**Além das questões relacionadas ao espaço, a história global também explora conceitos de tempo. Em um projeto que você dirigiu, intitulado “Globalisierung der westlichen Zeitordnung” (Globalização da ordem do tempo ocidental), você e sua equipe analisaram a forma como os sistemas coloniais tentavam implementar a padronização do tempo. Como um historiador do trabalho pesquisa a globalização dos conceitos de tempo?**

Uma das premissas deste projeto, que foi elaborado por Sebastian-Manès Sprute, foi não assumir que o colonialismo veio e introduziu a concepção de tempo europeu e, da noite para o dia, esta concepção estava por aí (SPRUTE, 2020). Ao invés disso, vê-lo como um processo e como parte de uma integração mais ampla no mundo, mas também como uma luta constante. Eu havia escrito bastante sobre burocratas africanos que trabalhavam para a administração colonial. Dentro dessa pesquisa, temas como pontualidade, uma jornada de trabalho “regular”, obter um certo número de pausas, bem como se os trabalhadores tinham um relógio, tiveram um papel importante. Nós questionamos sobre como os africanos usavam o tempo europeu em seu benefício, como tentaram enfraquecê-lo aos poucos, como tentaram manter intactas suas próprias noções de tempo, como durante períodos importantes dos ciclos agrícolas, bem como usar o tempo como um instrumento de poder. Mesmo nas discussões seguindo o famoso artigo de E.P. Thompson sobre a introdução do tempo industrial na Europa capitalista, é notável que sempre existiram conceitos diferentes e conflitantes de tempo (THOMPSON, 1967).

Para a África, o aspecto de coexistências de regimes de tempo é ainda mais importante. Não de uma maneira romantizada. No entanto, o que significa no fundo que há um novo calendário e um horário de trabalho colonial? A questão dos feriados é muito importante no contexto do tempo. Por exemplo, que conflitos surgem quando o calendário colonial inclui certos feriados europeus, como a “*Fête Nacional*”, mas ignora os da população local? O projeto se concentrou na questão do que significa a globalização na vida cotidiana, especialmente no âmbito da administração colonial. Ele foi realizado principalmente no Senegal e uma das grandes questões se concentrou nos conceitos muçulmanos locais de tempo, em contraste com as ideias europeias e onde eles entram em conflito, especialmente no contexto da burocratização e da administração. Também enfatizava o que podemos construir sobre certas noções de tempo, de pontualidade, de ritmos de trabalho. Um objetivo foi descrever o poder transformador do colonialismo europeu, mas ao mesmo tempo, mostrar que grande parte desta transformação não se desenvolveu da maneira que as potências coloniais gostariam que tivesse acontecido. Também é complicada a ideia teleológica sobre a globalização como algo que veio e depois transformou completamente as estruturas locais. Em vez disso, o tempo foi analisado como um novo campo de luta no contexto local. De certa forma, as noções coloniais europeias de tempo pressionaram as pessoas, mas também abriram novas oportunidades, maneiras de manobrar e de conseguir posições de poder.



## **Os muçulmanos na África Ocidental tentaram negociar dias de folga que diferiam dos colonizadores principalmente cristãos?**

Sim, é claro. Por exemplo, em contraste com os cristãos, os muçulmanos têm o dia principal de oração na sexta-feira em vez de domingo. Portanto, muitas vezes era difícil conseguir que todas as pessoas trabalhassem às sextas-feiras, assim como durante as cinco orações diárias. Estes horários não correspondiam necessariamente às pausas em um escritório burocrático. Nunca houve um tipo de solução. Às vezes protagonistas locais encontravam um acordo, às vezes não. De qualquer modo, havia luta constante dos europeus para levar uma ideia adiante e, muitas vezes, eles não conseguiam fazê-la completamente. Em muitos aspectos, algumas das imagens negativas e estereótipos sobre os africanos surgiram da incapacidade das potências coloniais de levar adiante suas pautas. A tentativa de transformação dos regimes de tempo é um exemplo a este respeito.

## **Desde 2009 você é diretor do re:work, centro que recebeu mais de 140 pesquisadores de diferentes partes do mundo. Você pode nos falar sobre a ideia de criar este instituto?**

Tudo começou com uma candidatura ao *Blankensee-Colloquien*, um programa organizado pelo *Wissenschaftskolleg*. O programa se dirigia a acadêmicos mais jovens (recém-doutores), pós-doutorandos avançados ou professores recentes, que poderiam solicitar financiamento para fazer uma interessante conferência interdisciplinar. Já há alguns anos eu vinha pensando em como combinar meu interesse pela história africana, meu crescente interesse pela história global e meu interesse pela história social. Acabei por apresentar uma proposta que combinava estes conceitos focando na mão-de-obra/trabalho. Achei que era um tópico bom e oportuno, mas que era também muito amplo.

Embora eu não tenha obtido o financiamento, havia um membro do Senado de Berlim para o ensino e pesquisa que estava no comitê de seleção que achou minha proposta muito interessante e promissora. Através de outra linha de programa, ela ofereceu financiamento substancial para organizar um par de conferências para testar minhas idéias. Em 2005 e 2006, Jürgen Kocka e eu organizamos três conferências no Centro de Ciências Sociais de Berlim, sob o título “Repensando o trabalho em uma perspectiva global”.<sup>4</sup> Convidamos muitos historiadores da temática do trabalho de todo o mundo a pensar através de ideias sobre o que poderia ser a história do trabalho. Foi uma época em que a história do trabalho tradicional ainda estava em crise. Trabalho cheirava um pouco à moda antiga. Mas, por outro lado, podíamos ver muito entusiasmo, especialmente de estudiosos do mundo não europeu, incluindo vários colegas do Sul da Ásia, África e América Latina.

Estávamos recebendo um feedback positivo. As pessoas estavam interessadas no mundo do trabalho e não apenas na antiga, um tanto convencional, tradicional perspectiva da história sindical, mas analisando-o tanto como um tópico político e cultural, como também com novas abordagens metodológicas interessantes. Por pura

---

<sup>4</sup> “Rethinking Labour from A Global Perspective”, Berlim, outubro de 2006, mais informações em: [www.hsozkult.de/event/id/event-56188](http://www.hsozkult.de/event/id/event-56188). H-Soz-Kult, 19 jun. 2006. Acesso em: 1 jun. 2021.

coincidência, o Ministério Federal de Educação e Pesquisa iniciou, por volta desta época, o programa *Käte Hamburger Kollegs*, a fim de estabelecer centros internacionais de pesquisa. Este programa resultou de um debate sobre como internacionalizar, bem como criar, mais conteúdo de pesquisa dentro das universidades alemãs. A ideia era estabelecer Institutos de Estudos Avançados com sedes na universidade. A convocação foi lançada e conseguimos financiamento. Começamos do zero, não tanto como um centro de pesquisa, mas como uma comunidade de bolsistas acadêmicos. A ideia inicial era convidar anualmente uma série de excelentes acadêmicos de todo o mundo para criar um debate global interdisciplinar onde os bolsistas tivessem a oportunidade de desenvolver ou repensar um tema e fazer um trabalho inovador. O objetivo era ter um foco amplo, mas temático. Estávamos cientes do fato de que “trabalho” era um tema muito vasto, e uma tentativa de focalizar o debate era enfatizar o aspecto da geração e do ciclo de vida. O princípio básico era envolver-se criticamente com o conceito de uma “*normal working biography*” ao longo do ciclo de vida e do curso de vida de um indivíduo. Vimos o curso de vida como uma ferramenta crucial para estruturar e manejar sistematicamente o vasto tópico do mundo do trabalho.

Durante o primeiro ano de re:work, não tivemos muitas aplicações porque houve um prazo relativamente curto desde a aprovação do projeto até quando precisávamos aceitar as aplicações. Mas, em poucos anos, recebemos centenas de candidaturas. Muito rapidamente o re:work se tornou um lugar onde os estudiosos queriam vir e compartilhar ideias. Desde o início, começamos a fazer nossas próprias iniciativas, por exemplo, escolas de verão anuais. Fomos com professores, pós-doutorandos e doutorandos para a África, Ásia do Sul, América do Sul, incluindo o Brasil, e organizamos oficinas em cooperação com acadêmicos locais, a maioria ex-bolsistas de re:work. Construimos redes ao redor do mundo de estudiosos interessados e trabalhando com os temas dos trabalhadores e do mundo do trabalho. O re:work foi proativo em evitar apenas a participação de estudiosos estabelecidos e convidou diversos grupos. Caso contrário, teríamos confiado nas mesmas duas ou três redes acadêmicas “mafiosas” o tempo todo.

**O re:work teve um grupo muito diversificado de pesquisadores de todo o mundo, incluindo o Brasil, como Sidney Chalhoub, Paulo Fontes, Henrique Espada Lima e João José Reis. Além da qualidade das pesquisas, quais critérios o re:work usou e como foi escolher seus bolsistas para que tivessem uma forte representação de acadêmicos do Sul Global?**

Para o Brasil, a maioria dos colegas concentravam-se na história da escravidão. Foi um desenvolvimento muito interessante que, cada vez mais, os historiadores da escravidão começaram a se entender também com os historiadores do trabalho. De certa forma, os estudos da escravidão e do trabalho uniram forças e viram muitas sobreposições nas questões e perspectivas utilizadas. Em termos de seleção de bolsistas, nunca tivemos cotas, ou nunca fizemos uma ação afirmativa. Tentamos fazer com que boas pessoas de diferentes regiões se aplicassem. re:work não pediu diretamente às pessoas que viessem. Todos os estudiosos tiveram que passar pelo nosso processo de candidatura e no final, no nosso conselho consultivo internacional fez a seleção final. Havia uma competição acirrada.

Nós tínhamos critérios básicos para os candidatos quanto à qualidade de seus projetos. Havia duas etapas de um projeto em que fazia sentido aplicar. Ou seja, você



ainda estava muito no início e apenas pensando em um novo tópico. Nesse caso, você poderia usar o ano para moldar suas ideias na discussão com outros pesquisadores e para enquadrar seu projeto em caminhos potencialmente inovadores. Ou pessoas que já tinham feito trabalho de campo e estavam apenas escrevendo. Nesse caso, você teria a tranquilidade no re:work para escrever. Ao mesmo tempo, você poderia ser positivamente perturbado intelectualmente por algumas ideias interessantes com seus colegas de estadia. Você também poderia usar o espaço para testar certos argumentos. Assim, no re:work você poderia sentar-se, ter tempo para trabalhar e, ao mesmo tempo, ter a oportunidade de trocar ideias com pessoas vindas de disciplinas e perspectivas de pesquisa muito diferentes. Mas, no final do dia, todos compartilhavam um interesse básico no tópico mais amplo do mundo do trabalho.

Tentamos ter uma mistura de estudiosos, não apenas pessoas famosas, mas indivíduos que poderiam não ser tão conhecidos, mas que tinham projetos que pareciam muito interessantes e promissores. Todos os anos tentamos reunir um portfólio diversificado de bolsistas, incluindo pessoas de diferentes gêneros, etnias e também de idades variadas. O projeto re:work queria ter certeza de que os bolsistas seriam capazes de se reunir e, esperávamos, criar uma dinâmica de grupo estimulante ao pensamento.

Às vezes funcionava muito bem, às vezes não. Para ser honesto, muitas vezes tem a ver com o tipo de flexibilidade intelectual e abertura das pessoas, bem como de personalidades. Não se podia prever o resultado. Às vezes você tinha alianças intelectuais que pensávamos que fariam uma equipe ou um trio interessante, mas na realidade, não funcionava tão bem e eles pouco tinham a dizer um ao outro. A cada ano, parte do suspense e da excitação era: vai funcionar ou não? Um exemplo de sucesso que me lembro foi quando tivemos os colegas Paulo Fontes (Brasil), Alex Lichtensteln (EUA) e Toby Boraman (Nova Zelândia), que juntos organizaram uma oficina sobre os movimentos trabalhistas nos anos 1970. Outra aliança interessante foi Jamie Monson, um historiador da África, e Niels Petersson, um historiador econômico que trabalha com transporte e globalização. Eles organizaram um workshop sobre a história do transporte e do trabalho. Estes são apenas dois exemplos das muitas experiências interessantes e frutíferas, onde reunimos pessoas, e cada um aproveitou questionamentos e perguntas inesperadas através de interações com outras disciplinas ou pessoas de outras regiões.

### **Como você acha que isso afetou o trabalho produzido pelos bolsistas associados ao re:work ao longo dos anos?**

Como o ex-reitor do Wissenschaftskolleg zu Berlin, Wolf Lepenies, disse uma vez, se as pessoas saem com o mesmo projeto que elas chegam, algo deu errado. Em alguns aspectos, esta era também a ideia que tínhamos. O ambiente que tentamos criar foi o de desestabilização produtiva. Havia pessoas que estavam trabalhando em um tema, que receberam feedback e poderiam repensar criticamente alguns de seus pontos. Alguns estavam realmente abertos a isso, mas, em outros casos, os pesquisadores simplesmente não queriam ser intelectualmente perturbados.

Acho que isto é o melhor que uma instituição deste tipo pode oferecer. Você passa muito tempo com seu próprio trabalho e depois o coloca em debate em um contexto onde pode receber críticas afiadas, mas não devastadoras. Criamos uma espécie de

atmosfera intelectual que foi impulsionada pelo convívio e também pela solidariedade, sem necessariamente sermos muito bonzinhos um com o trabalho do outro.

Este tipo de debate é crucial para desenvolver um campo ou certas ideias, mas, ao mesmo tempo, pode sinalizar se uma ideia é um beco sem saída. Nos regularmente tivemos historiadores que pensavam que o que os antropólogos faziam era muito restrito e, ao mesmo tempo, os antropólogos perguntavam como os historiadores podiam falar sobre grandes conceitos sem fundamentarem-se em certas áreas. Havia sempre este ceticismo e irritação mais amplos, mas, por outro lado, acho que, muitas vezes, tínhamos uma atmosfera de mal-entendidos criativos. De modo geral, funcionava bem. Tinha a ver com o quadro institucional. Conseguimos, na maioria dos casos, proporcionar uma atmosfera onde todos achavam que ele ou ela era igualmente importante e levado a sério. O que definitivamente ajudou é que a gente socializava fora do trabalho, como cozinhar um para o outro ou visitar museus juntos. Isto criou um senso de solidariedade e a culinária, especialmente, provou ser um grande equalizador. Muitos nos disseram que cozinhar para o grupo era muito mais difícil e causador de ansiedade do que apresentar sua pesquisa.

**Enquanto instituição de pesquisa, re:work se encaixa em uma linhagem que começou com instituições de ensino, como o Instituto Internacional de História Social, em Amsterdã. Tendo a História do Trabalho Global como foco, os pesquisadores não só têm sido jovens estudiosos em início de carreira, como também pesquisadores reconhecidos, como Frederick Cooper, Marcel van der Linden, Sandrine Kott e Sebastian Conrad. Um nexos primário de pesquisa sempre foi a relação entre trabalho e ciclos de vida. Olhando para o que foi produzido pelos vários bolsistas e participantes dos cursos de verão, há alguma perspectiva que não era inicialmente esperada, mas que você acha que fará parte do “legado” do re:work?**

De muitas maneiras nós precisamos admitir de forma autocrítica que a ligação entre trabalho e o ciclos de vida só funciona até certo ponto. Nossa ideia de que as pessoas que chegaram ao re:work sem nenhum pensamento prévio sobre o ciclos de vida, seriam estimuladas o suficiente para depois integrá-lo em seu projeto, realmente não aconteceu. O ambiente intensificou o enfoque sobre o “ciclos de vida” para as pessoas que já vinham com uma certa ideia sobre o assunto, e como ela poderia se encaixar em seu projeto. Porém, muitas pessoas vieram e partiram sem realmente pensar que o “ciclos de vida” era uma ferramenta útil para seu projeto. No final, houve um grupo de colegas que produziu uma investigação muito boa aplicando o conceito de ciclos de vida. Por exemplo, um dos volumes finais do re:work, editado por Josef Ehmer e Carola Lentz, concentra-se nas questões do “ciclo de vida” e geração. Há também artigos extremamente interessantes de vários colegas de diferentes grupos que usaram o “ciclos de vida” como uma abordagem. Acho que, no final, provou ser um tema interessante e útil, mas não tão dominante e visível como pensávamos inicialmente.

Por outro lado, houve perguntas que nunca perderam sua importância, independentemente do ano. Por exemplo: a questão sobre o que é trabalho e o que é não-trabalho? Onde estão as zonas cinzentas entre elas e quem tem o poder de definir trabalho? Como conceituar trabalho e onde o trabalho termina? A análise do trabalho “além do trabalho assalariado” tornou-se cada vez mais importante, pois permitiu que grupos marginalizados e suas atividades fizessem parte da história do trabalho — por

exemplo, o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado, o trabalho infantil, o trabalho sexual, o trabalho prisional ou o trabalho da polícia e dos soldados. Entretanto, quando tudo é trabalho, como uma categoria analítica, é bastante inútil. E a dimensão política do tema? Trabalho como luta, este aspecto crucial não desaparece quando, por exemplo, beber cerveja ou ir ao ginásio é descrito como trabalho? Estas são algumas perguntas que permaneceram cruciais ao longo dos anos de re:work.

O trabalho “livre” e “não livre” tem sido sempre um tema muito debatido. O que isso significa, exatamente? A contribuição brasileira tem sido muito importante aqui, porque tem havido um debate intenso sobre a noção de morosidade do fim da escravidão no Brasil, e como este processo se correlacionou com noções específicas, bem como com práticas de trabalho. O que isso significou para um escravo brasileiro que, de repente, se encontrava formalmente livre? Houve alguma mudança em suas lutas diárias, práticas e espaços de negociações?

**Você está se referindo à ambiguidade da liberdade? Por exemplo, a questão de saber se a liberdade é realmente uma condição melhor em certas circunstâncias ou, por vezes, não?**

Sim, a ambiguidade da liberdade são um tema recorrente. Neste contexto, discutimos o tópico de como as práticas e noções de trabalho e de mundo do trabalho estão ligadas globalmente. O que significa a História Global do Trabalho? Onde podemos ver conexões e onde não as vemos? Se você olhar para seu projeto com uma perspectiva global, como isso pode mudar seu tema? Que tipo de novas perguntas você faz? Quão úteis são elas? Também abordamos como escrever uma História Global do Trabalho, e se é um “problema” quando alguém pensa que seu tópico não pode ser globalizado ou não pode ser enquadrado dentro de uma perspectiva global. Nós abordamos as questões óbvias sobre diferentes abordagens disciplinares do mundo do trabalho, bem como as promessas e os limites de abordagens mais quantitativas, das quais tivemos muito poucos que se opusessem às mais qualitativas.

A questão da comparação versus entrelaçamento foi levantada repetidamente. É algo que podemos unir ou não? Em suma, não houve um único grande tema singular, mas algumas questões subjacentes que surgiram com intensidades diferentes ao longo de todos os anos.

No momento, estamos no meio da produção de três volumes para resumir ‘o legado do re:work’. Eles são divididos em temas: um é sobre os “ciclos de vida” e as relações entre gerações; o outro focaliza o trabalho, os trabalhadores, os empresários e o capitalismo; e o terceiro focaliza aspectos mais amplos, por exemplo, o bem-estar, escravidão versus trabalho livre. Também estamos trabalhando potencialmente em uma publicação que é uma compilação “melhor das” contribuições dos alunos de doutorado que participaram de nossas escolas de verão.

**Sua experiência como diretor de centro de pesquisa em história global do trabalho — re:work — permitiu que você estabelecesse contatos com diferentes estudiosos de toda a Europa e do mundo. Como você descreve o panorama da História Global atualmente? Que universidades, grupos de pesquisa ou redes, você pode destacar? Após mais de dez anos, você vê uma mudança na trajetória da História Global?**



História Global se tornou muito popular, especialmente entre as gerações mais jovens. Há uma enorme demanda e Berlim é indiscutivelmente um local importante para a História Global. Na Humboldt e na Universidade Livre de Berlim temos um programa de Mestrado em História Global que atrai muitos estudantes do mundo todo. Além disso, nosso programa de pós-graduação em História Intelectual Global tem recebido alta demanda e temos iniciativas individuais, especialmente através da Universidade Livre de Berlim em torno da cátedra de Sebastian Conrad. Portanto, aqui em Berlim há muitos programas institucionais, bem como pesquisadores individuais, que se concentram em diferentes projetos de História Global.

Depois, há outros locais que se desenvolveram como centros para a História Global. Na Alemanha, há Leipzig, que é um local muito importante, assim como Munique, onde Roland Wenzlhuemer está construindo um centro de pesquisa. São todos passos cruciais para institucionalizar a História Global, o que é importante para que tenhamos programas estáveis e centros de estudo e pesquisa. Em alguns outros países da Europa, como na França, as pessoas ainda estão muito relutantes em utilizar esta abordagem. Em Paris, por exemplo, uma série de iniciativas foram iniciadas, mas depois não foram realmente implementadas. Nos Países Baixos, precisamos esperar para ver. No Instituto Internacional de História Social, sob a direção de Marcel van der Linden, houve um forte foco na História Global do Trabalho em Amsterdã. Entretanto, desde sua aposentadoria, isso tem mudando e há mais ênfase na migração. Muitas vezes depende dos indivíduos se certas tradições ou trajetórias são continuadas. Penso que a História Global do Trabalho ainda tem um lugar em Amsterdã, mas não é tão proeminente como costumava ser. E, sim, em outros países, como Itália e Espanha, você tem currículos na História Global. Fora da Europa, a História Global continua a ser proeminente nos Estados Unidos. No entanto, na América Latina, África, Sul da Ásia, mas também em países como o Japão, a História Global ainda é recebida com muita relutância.

Em resumo, isto é típico dos movimentos historiográficos. O fascínio do início desapareceu um pouco. As grandes disputas e debates conceituais terminaram por enquanto e estamos atualmente na fase mais de base da pesquisa. A maioria dos estudiosos testa como se pode fazer História Global com um tema concreto ou uma questão de pesquisa em mente. Isto significa que grandes livros abrangentes que tentam estabelecer o campo, como os de Bayly ou Osterhammel, não estão mais sendo escritos, porém a maior parte dos estudos e publicações está sendo feita sobre questões mais específicas. Penso que esta é, em muitos aspectos, uma fase empolgante. As abordagens da História Global, de certa forma, estão se tornando rotineiras. É uma coisa bastante normal de se fazer. Os pesquisadores testam, através de seus estudos individuais, até onde eles podem chegar com esta perspectiva em relação a outras. Em alguns aspectos, estamos descobrindo os limites desta perspectiva. Ao mesmo tempo, têm havido críticas contínuas sobre a História Global, por exemplo, a respeito de sua fetichização da mobilidade e que ela apenas examina as pessoas móveis e ignora as outras. Ainda não está óbvio até que ponto a renacionalização a nível político afetará a História Global. De alguma maneira, ironicamente, esta renacionalização é um tópico por excelência para a História Global. Ela está ligada à questão de por que, sob as atuais circunstâncias globais, há uma ressurreição da ideia de voltar a uma estrutura nacional específica. Este é um tópico muito global e só pode ser compreendido em uma estrutura global.



Naturalmente, sempre houve desconforto entre especialistas de áreas específicas, sobre até que ponto a História Global não está traindo algumas das características essenciais de regiões específicas — ter conhecimento profundo sobre algum lugar, incluindo idiomas e uma compreensão complexa da cultura. Tem havido muito debate metodológico e exercícios sobre como a História Global é melhor praticada como um projeto colaborativo. Isto é especialmente pertinente quando os pesquisadores combinam tópicos e trabalham em muitos idiomas diferentes. Nestas circunstâncias, se você ainda quiser, principalmente, fazer pesquisa primária, a menos que seja um gênio extremo, é muito complicado fazê-lo. De muitas maneiras, a História Global nos convida a fazer uma pesquisa mais colaborativa, o que nos coloca contra as estruturas tradicionais de nossas instituições. Por exemplo, normalmente, como historiador, ainda se espera que você escreva grandes livros de autoria única. Os projetos de pesquisa colaborativa têm sido discutidos com frequência, mas raramente ocorrem. Quer dizer, você tem mais projetos colaborativos, mas não no nível de uma tese, por exemplo. A este nível ainda é impossível, porque, no final, você supostamente tem que fazer sua monografia individual. A História Global como um campo constituído está se desenvolvendo de maneira menos espetacular, mas se normalizou. É uma abordagem entre muitas outras. As pessoas descobriram que os historiadores globais não estão interessados em “matar” a escrita da história alemã ou de outras histórias nacionais. Na realidade, se você olhar para anúncios de emprego, os candidatos são frequentemente solicitados a ter algo de perfil global, mas não é como se de repente houvesse muito mais cadeiras ou posições especificamente dedicadas à História Global. Ainda, é provavelmente mais útil para seu perfil acadêmico afirmar que você é capaz de empregar esta perspectiva em seu trabalho do que era há 20 anos atrás. Isso é provavelmente um sinal de sucesso. Sempre haverá pessoas que dizem: “A História Global é superficial” e assim por diante. Mas as perspectivas relacionadas à História Global têm moldado a escrita da história em geral. O tropo da mobilidade ou a busca de enredos já estão difundidos e, ao mesmo tempo, estas perspectivas são cada vez mais desafiadas a partir de dentro da História Global. Isto é como deveria ser, penso eu.

Uma vez que a perspectiva global se normaliza, os bons velhos tempos de grande excitação e a sensação de ser vanguardista parecem ter acabado. Mas, de muitas maneiras, eu consideraria este desenvolvimento como um sucesso: a perspectiva global provou não ser o único caminho, mas um caminho estabelecido e útil para olhar para uma série de problemas históricos.

### **Com relação à escrita histórica, a que metodologias os historiadores devem prestar mais atenção ao implementar uma perspectiva de História Global?**

Desde cedo, os principais teóricos e protagonistas da História Global enfatizaram que a História Global não era a história de tudo, mas uma abordagem que enfatiza uma determinada perspectiva, por exemplo, para descobrir se ou como um fenômeno muito local está ligado a tendências mais amplas, faz parte de redes mais amplas e assim por diante. A História Global não significa ter, pelo menos, dois ou três continentes em seu estudo. Ela pode ser algo bastante limitado. Por exemplo, se você olhar para um certo artesanato de uma determinada vila, você poderia perguntar: para onde vão esses produtos?

Pode ser que o resultado de uma perspectiva global seja que você só descubra que o produto foi vendido para duas ou três vilas próximas, ou que estes itens estão espalhados por todo o mundo. Talvez esta localidade esteja no ponto nodal da produção destes itens em nível global, mas talvez não esteja. Como eu disse, a perspectiva global não se trata de provar que as coisas estão globalmente conectadas, mas de ver se e até onde estas coisas estão conectadas. A suposição não é que tudo deve estar conectado, mas que elas poderiam estar conectadas. É verdade, normalmente não assumimos que as coisas são insulares, e que as pessoas são moldadas apenas pelas influências dos vizinhos da vila vizinha. Vejo muito das investigações na História Global seguindo este caminho.

**Isto parece ligado à ideia de que lugares e coisas também não podem ser conectados e que este também é um ponto importante.**

Sim, penso que algumas pessoas como Frederick Cooper, Ravi Ahuja e outros argumentam que há sempre o perigo de escrever a história ao contrário quando se assume certas redes como um princípio estruturante, porque então você também olha para grupos específicos no passado, especialmente se eles são móveis, e esquece os outros. Eu fiz este apontamento há muitos anos. O fato de que, na história do Sul da Ásia, você tem tantas pesquisas sobre o trabalho marítimo e os marinheiros, e muito pouco sobre os pequenos camponeses agrários, faz parte deste enfoque sobre a mobilidade global. Com este enfoque na mobilidade, você pode esquecer o fato de que a imobilidade é o outro lado crucial da moeda. A mobilidade de uns poucos se baseia na imobilidade de outros. É importante ter isso em mente e não apenas enfatizar que tudo está entrelaçado.

Os pesquisadores não devem argumentar que um lugar só é interessante porque algumas pessoas foram embora e voltaram. Também pode ser interessante examinar um caso em que ninguém foi embora, ou quando as pessoas foram embora, talvez aqueles que ficaram sejam mais interessantes de se ver. Tudo isso é muito abstrato. Entretanto, acho que deve haver cautela para refletir sobre algumas das coisas que levaram ao avanço da História Global e mostrar que não havia apenas pessoas estagnadas vivendo no Sul Global, que nunca teriam se mudado até que os europeus as empurraram. Havia, entretanto, muita mobilidade e atividade antes, e continuavam sem o controle dos colonizadores europeus. Mas acho que há um certo perigo de que isto se torne uma caricatura. Pode levar a uma espécie de argumento de “nós também éramos globais”, o que me faz lembrar os argumentos apresentados por gerações anteriores de historiadores africanistas.

No que foi uma das primeiras histórias gerais da África escrita por um africano, Joseph Ki-Zerbo, de Burkina Faso, por exemplo, tentou mostrar que na África pré-colonial “nós também tínhamos Parlamentos, ou também tínhamos cidades” (KI-ZERBO, 1972). Era importante mostrar que a África tinha uma história rica e complexa antes da chegada dos europeus, mas este argumento implica um certo modelo do Atlântico Norte como principal ponto de referência. E, agora, o foco na mobilidade está novamente baseado em um modelo que vem do âmbito do Atlântico Norte. A ideia de que você tem apenas que mostrar que havia muita mobilidade em outras partes do mundo é ainda subscrever uma suposição do Atlântico Norte do que é normal. Essa “armadilha” é algo sobre o qual os estudiosos continuam a refletir e a enquadrar seu trabalho .



**Para finalizar, seu livro “História Global do Colonialismo” será publicado em 2022 pela Universidade de Princeton. Você poderia nos dar uma breve visão geral e comentar de que forma a História Global do colonialismo poderia nos ajudar a repensar o legado deste período?**

Em primeiro lugar, o colonialismo está tematicamente de volta e, de certa forma, tenho a sensação de que o pensamento atual sobre isso muitas vezes vai em dois extremos. Este é um passo atrás em relação a um debate muito interessante e diferenciado sobre o colonialismo que se desenvolveu desde os anos 1990. Deixe-me explicar um pouco sobre o que eu acho que são os atuais campos ideológicos extremos. Por um lado, há aqueles que agora afirmam que o colonialismo não era tão ruim assim, muito pelo contrário, que trouxe muita “civilização” para os colonizados. Isto é simplesmente *whitewashing*.<sup>5</sup> Embora autores dessa perspectiva admitam que houve um pouco de violência, eles contra argumentam que o colonialismo trouxe escolas e hospitais e outras coisas boas. É o argumento de Niall Ferguson sobre colonialismo e império. Por outro lado, você tem a visão do colonialismo como um empreendimento muito violento, racista e desagradável. Esta visão também atribui muito poder, de fato imenso poder, aos colonizadores. Entendo que a agência é uma ferramenta e um conceito complicado. Mas acho que há uma certa tendência para subestimar o fato de que, por exemplo, os africanos colonizados fizeram muitas coisas para se adaptarem ao colonialismo. Muitos se organizaram para ter possibilidades de tirar algo do colonialismo, ou para lutar contra ele. Estas complexidades são importantes. Não havia uma modernidade colonial válida para todas as regiões colonizadas. Uma visão global poderia ajudar a ver o que o colonialismo significava em diferentes contextos em diferentes épocas.

Hoje você é muito rapidamente acusado de relativizar o colonialismo, no entanto acho que é importante ver que o colonialismo foi muitas coisas. Sim, ele foi baseado na violência e em ideias hierárquicas muito racistas e isso não é possível de negar. E até mesmo a famosa “missão civilizadora” foi, em muitos aspectos, um ponto de vista racista e paternalista. Alternativamente, eu gosto do termo cunhado por Sara Berry, que o colonialismo era “hegemonia sobre um cordão de sapato” (*hegemony on a shoestring*). Penso que isto descreve muito bem o que o colonialismo, muitas vezes, significava na base. E acredito que é importante manter esta diferenciação em perspectiva para pensar sobre o legado histórico do colonialismo. Por que tantas coisas continuaram? Por que se olharmos para as relações econômicas entre a África e a Europa, será que ainda existe esta relação de tipo colonial que os africanos produzem principalmente a matéria-prima e outros fazem algo com ela e também obtêm o máximo lucro? Por que as ideias raciais, sobre as quais o colonialismo foi construído, sobreviveram? Também, como os africanos, por exemplo, conseguiram encontrar um caminho através dele? E qual foi a posição que tiveram em relação a isso?

Várias contribuições recentes ao debate parecem sugerir que o colonialismo era algo bom ou ruim. Meu interesse não é subestimar o colonialismo, nem afastar os elementos brutais e desagradáveis que são estruturalmente parte do colonialismo, esta não é a questão. A questão é explicar por que certas coisas se desenvolvem de certas maneiras. Também é importante a percepção de que grande parte do

---

<sup>5</sup> Nota dos tradutores: A expressão em inglês tem o significado de indicar que algo é enganoso, falsificador.

colonialismo foi construído sobre uma visão paternalista europeia, que eles eram superiores a outros. Igualmente crucial para uma compreensão do colonialismo é a forma como os colonizadores usavam a violência, muitas vezes de forma espetacular, mas sem esquecer a violência diária. Mas não é só isso que é preciso para explicar as transformações que o colonialismo provocou.

Uma das melhores abordagens para estudar o colonialismo, embora muito abstrata, é dizer que foi uma enorme transformação, mas esta transformação nem sempre esteve sob o controle dos colonizadores. Este é um ponto importante. Isso não significa que agora os colonizados são responsáveis pela confusão que o colonialismo deixou. Mas é um afastamento da perspectiva de que os europeus eram onipotentes, e que pregavam um golpe sujo nos africanos ou os matavam. Acho que o colonialismo não se tratava primordialmente disso. Estes aspectos eram partes importantes do colonialismo, mas não é o suficiente para explicar o que estava acontecendo. E, sim, isto também está ligado a toda a questão que temos aqui na Alemanha atualmente, que se pergunta de onde veio o racismo. Por que os alemães têm a maior dificuldade para imaginar que uma pessoa negra possa ser alemã?

Penso que estas são perguntas interessantes, mas não se pode analisá-las apenas tendo uma visão restrita do que era o colonialismo. Espero que meu livro seja uma contribuição para um debate mais complexo sobre o que foi o colonialismo, sem fazer nenhuma tentativa de depreciar a dimensão devastadora que o colonialismo teve.

## REFERÊNCIAS

BAYLY, Christopher Alan. *The birth of the modern world, 1780-1914: Global connections and comparisons*. Malden: Blackwell, 2004. (Blackwell History of the World)

BELLUCCI, Stefano; ECKERT, Andreas (org.). *General labour history of Africa: workers, employers and governments, 20th–21st centuries*. Suffolk: Boydell & Brewer, 2019.

BERRY, Sara. Hegemony on a shoestring: indirect rule and access to agricultural land. *Africa — Journal of the International African Institute*, Londres, v. 62, n. 3, p. 327–355, 1992.

ECKERT, Andreas. Fitting Africa into World History: a historiographical exploration. In: FUCHS, Eckhardt; STUCHTEY, Benedict. (org.). *Writing world history: 1800-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 255-70.

ECKERT, Andreas; KOCKA, Jürgen. *Mission and Themes: work and life course as historical problems, perspectives of the International Research Center 're:work'*. Disponível em: <https://rework.hu-berlin.de/mission-and-themes.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ECKERT, Andreas. *Global histories of work*. Berlim; Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2016.



ECKERT, Andreas. *Die Duala und die Kolonialmächte: eine untersuchung zu widerstand, protest und protonationalismus in kamerun vor dem zweiten weltkrieg*. Münster; Hamburgo: Lit, 1991. 351 p.

ECKERT, Andreas. *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: douala 1880-1960*. Stuttgart: Steiner, 1999. 504 p.

ECKERT, Andreas; CONRAD, Sebastian; FREITAG, Ulrike (org.). *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze*. Frankfurt a. M.: campus, 2007.

ECKERT, Andreas; Hentschke, Felicitas. *Corona and Work around the Globe*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021.

ECKERT, Andreas; LINDEN, Marcel van der. New perspectives on workers and the history of work: Global Labor History. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018. p. 145-162.

FERGUSON, Niall. *Empire: the rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. Nova Iorque: Basic Books, 2008.

GUEYE, Omar. African History and Global History: revisiting paradigms. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018. p. 83-108.

KI-ZERBO, Joseph. *Histoire de l'Afrique noire: d'hier a demain*. Paris: Hatier, 1972.

SPRUTE, Sebastian-Manès. *Weltzeit im Kolonialstaat. Kolonialismus, Globalisierung und die Implementierung der europäischen Zeitkultur in Senegal, 1880-1920*. Bielefeld: Transcript, 2020.

THOMPSON, Edward. P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. *Past & Present*, Oxford, n. 38, p. 56-97, dez. 1967.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

**Ana Carolina Schweitzer**. Institut für Asien- und Afrikawissenschaften. Hausvogteiplatz 5-7, Room 304b, Berlin, Germany

### TRADUTORES

**Ana Carolina Schweitzer**. <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>. E-mail: [ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de](mailto:ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de). Mestre. Doutoranda, Universidade Humboldt de Berlin, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Departamento de Estudos Africanos, Berlin, Alemanha.

**Matheus Serva Pereira**. <https://orcid.org/0000-0001-6757-6088>. E-mail: [matheusservapereira@gmail.com](mailto:matheusservapereira@gmail.com). Doutor. Investigador Auxiliar. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Professor Andreas Eckert pela concessão da entrevista e ao Matheus Serva Pereira por seus comentários e contribuição na tradução desta entrevista.

## FINANCIAMENTO

Projeto INDICO – Arquivos coloniais nativos: micro-histórias e comparações, financiado através de fundos nacionais pela FCT, Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência: PTDC/HAR-HIS/28577/2017), e sediado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; e Bolsa de doutorado pleno, Deutsche Akademische Austauschdienst.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO

© Andreas Eckert, Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. Esta entrevista está licenciada sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Beatriz Mamigonian

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## HISTÓRICO

Recebido em: 13 de abril de 2021

Aprovado em: 7 de maio de 2021

Como citar: ECKERT, Andreas. A escrita da História e a virada global: perspectivas de um historiador de África. [Entrevista cedida a] Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 617-635, maio/ago. 2021.

